



## UMAS TANTAS CADEIRAS METÁLICAS E UMA DE PAU

*Teresa Pavão no Museu Botânico – II*

Foi por amigos chegados que muito cedo soube do projecto desta exposição que ia germinando no silêncio discreto do atelier e no coração da Teresa. A notícia foi-me dada quase ao ouvido, em ciciada excitação, como quem diz logo, mal o óvulo acabou de se implantar, que fulana está outra vez grávida. Eu fiquei contente.

De longe em longe ia sabendo da marcha da gestação e, no meu optimismo confiante, rejeitando a bisbilhotice das ecografias, tinha a certeza que tudo corria bem, certo e perfeito e que passado o rigoroso contar das luas ia haver. Novidade, palavra que me aflorou agora, enquanto escrevo. Significava que uma nova criança nascera na casa de fulano ou cicrano. Fui sem querer buscá-la aos fundos da memória da minha infância rural quando, nos casais da Mata da Caridade as crianças, muitas, iam nascendo, a seu tempo e depressa crescia a turma de irmãos, primos e primas. Que bom! Mais companhia e azo de mais brincar.

E novidade parece-me ser uma boa palavra para anunciar esta exposição. Novidade no Jardim Botânico! podia ser o lema da exposição. Aliás os jardins são sítios ideais para aprender e ensinar coisas tão belas e vivas como estas cadeiras que a Teresa amorosamente recolheu e salvou da corrosão inelutável a que a nossa sociedade de consumo bacoco as tinha votado.

E algumas nem grande beleza tinham, sobretudo quando novas, nos brilhos cromados da armação e no contraste acanhado dos assentos e costas de aparite forrada a napa de cores pífias. Objectos práticos, mas aperaltados, sofríveis na ergonómica, fizeram a sua época.

Trastes destes enxamearam milhentas lojas de móveis e decorações, leitarias e salões de beleza do rés do chão das nossas reboleiras, quando Lisboa, vai para três ou quatro décadas, não era ainda a grande e o seu termo ia ficando cada dia mais feio. Gastos e mais ou menos ferrugentos iriam acabar num qualquer ecoponto moderno, se a Teresa não lhes tivesse lançado o olho e a mão antes que o diligente serviço de recolha de monos da autarquia os levasse. Isto na versão mais correcta da nossa vivência europeia, porque um caso houve em que a artista só a muito custo salvou uma armação já parcialmente soterrada no lodo de um sapal para onde, acabado o pic-nic domingueiro, a peça por demais usada ou apenas démodée, fora atirada como cavalo velho lançado à margem...

Ah!, mas outras eram bem melhores na estética e nos materiais: podiam, até, ter saído da "oficina" de Daciano Costa.

Tal como mandavam os cânones da bauhaus o estilo era o não ter estilo nenhum nem arrebique que não o estritamente funcional ou só o que decorria do processo de construção e fabrico. Era obrigatório explorar no design do mobiliário tubular as nobres propriedades de resistência e tensibilidade do metal, potenciadas ou ampliadas pelas formas moldadas. Cada modelo era tornado apto à produção mecânica e seriada. Resultavam objectos, quase minimais, mas de atraente qualidade estética e modernidade e, imagine-se, conforto, capaz de darem boa serventia tanto nas acomodações da habitação como nos serviços.

Entre nós este estilo asséptico perdura ainda em certas salas de espera de consultórios e hospitais menos abonados ou mais imunes à febre da renovação pela renovação. Infelizmente quase sempre para pior.

Não foi, por sorte nossa, o caso da artista. Renovou, mesmo. Fez do velho novo tal como acontece em cada jardim que se preza seguindo à risca a máxima do Lavoisier de que na Natureza nada se perde, tudo se transforma.



Ao depararmos-nos com esta nova série de obras da Teresa Pavão começa-se por ter uma noção estranha, algo como uma não surpresa! Da porta da sala, suspensas no ar, o olhar reconhece de imediato as silhuetas familiares de simples cadeiras. E cadeiras são!, que o desenho das sombras projectadas na brancura da parede nos confirma bem a forma e o volume. Aproximamo-nos e, pela arte da Teresa, por sua fértil criação, cuidada oficina e domínio específico de cada fibra ou material, cada cadeira inicialmente reconhecida, na simplicidade severa da sua forma, revela-se ante nós como um objecto. São afinal o firme, necessário e justo suporte de adornos preciosos que a artista lhes aplicou em toques contidos de alguma opulência.

Na maioria são retalhos discretos que contêm algo da memória primeva da arte de entretecer; cada um leva o selo da autora na abundância das boas virtudes que lhe são conhecidas: sobriedade, clareza, simplicidade e contenção.

Voltam a estar presentes nesta mostra ideias recorrentes na obra inventiva da autora. Primeiro, obviamente, o contraste velho-novo como referência e medida certa do tempo e da espera. Depois há o contraste do efêmero e do duradouro: à ferrugem que consome o metal das armações a servirem de urdideiras do tecido, a trama dos fios novos e nobres de ouro e seda, mesmo sabendo ela e nós que tudo o que é sólido se dissolve no ar.

Por fim um sempre presente bom gosto e elegância no assumir de formas naturais ou das que levam marcas do humano fabrico, criação ou apenas do simples uso de instrumentos milenares, caso da elegantíssima escultura inesperada, representada pela singela chaveta de madeira que adorna a única e sólida cadeira de madeira a qual, por tão simples artifício deixa de o ser e se transmuda em obra de Arte.

São simples e ao mesmo tempo ricos estes objectos que apetece muito ter. Se pudesse levava todos para casa e alongava assim o gosto de os ver.

Fernando Catarino

**Materiais:**

\_técnica mista: cânhamo, ferro, fios de ouro, madeira, ráfia, seda, laca, osso, algodão

**Peças:**

\_Anilha, \_Batente, \_Cadeira, \_Caixa de Costura, \_Espelho, \_Livro de Oração, \_Mão de Santo, \_Ouro, \_Pente, \_Postigo, \_SN-02078, \_Tabaco, \_Tear de Cintura;

**Dimensões médias:** 80x40x35 cm.